

molhado de vinagre amarrado às têmporas, os grandes mêdos a aumentarem nêle a aberração dos sonhos dementes, a superstição de lençóis pendurados numa corda, que mortalias lhe recordam, a assustar-se com figuras espectrais de bôcas tronchas, a ver coisas de apocalipse no triângulo escaleno do ladrilho, a contar e a recontar o número das telhas a chorar e a querer beber a água do chôro, a rolar pelo chão com as mãos enfiadas no tapête, inundado de suor, apesar da frialdade que sente no estômago. Tudo em seu derredor faz aumentar o pesadelo. A noite tôda nessa lancinante agonia, até que o sol bate nas vidraças e o tira daquele sepulcral martírio. Acalma-se um pouco, mas ainda assim passa o dia inquieto. A vida o exorta a sofrer, mas êle não pode mais, sua ruína é pior que a de Tebas. Preferia antes ser uma fatia de carniça, pendurada no bico dos abutres.

Uma das cenas mortificantes se passa durante o dia, a outra durante a noite. Enquanto o poeta está no engenho Pau d'Arco não tem sossego. Os seus tormentos são infinhos. Nem ao menos podia desabafar-se contra os que o cercavam e o faziam sofrer. Na composição que se passa durante o dia — *Gemidos de Arte* — exausto de tantas torturas mentais, solta ao final êste brado de desespero:

Sol brasileiro! Queima-me os destroços!  
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,  
De pé, à luz da consciência infame,  
À carbonização dos próprios ossos!

Está sempre a evocar o pai e sempre que o evoca usa expressões da maior ternura. Agora, que o pai é morto, junta essa mágoa a outras que o fazem infeliz: "Sem pai que me ame". Da mãe não diz uma palavra de afeto. Apenas duas vêzes se refere a ela, incidentemente, numa linguagem fria, destituída de afago. Quando toma o cuidado de guardar-lhe os sapatos e quando ralha com a ama de leite Guilhermina, porque furtava as moedas que o doutor lhe dava.

A causa de tôdas as suas constantes crises espirituais estava no drama do amor. Ora, sabemos que um amor frustrado passa, quase todo mundo tem disso alguma experiência, mas o amor que é sacrificado por duras penas transforma-se em chaga que jamais pára de sangrar. Leve-se ainda em conta a idade que tinha o poeta ao tempo em que se deu a ação e também o refinamento de sua sensibilidade moral, que raiava quase pelo estado de loucura.